

A Corte e as organizações de trabalhadores livres e escravizados na segunda metade do século XIX

Rafael Maul de Carvalho Costa¹

Este trabalho pretende situar as organizações de trabalhadores no espaço da cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, discutindo as transformações neste espaço e a formação destas organizações, ao longo do período, para assim iniciar uma discussão sobre a influência desta relação na construção de uma identidade de classe ligada ao trabalho, sem deixar de levar em conta a existência de outras identidades. Entende-se por sociedades de trabalhadores, tanto aquelas ligadas a um ofício específico, quanto as ligadas a identidades étnicas e nacionais. Há também aquelas que se denominam representantes de operários ou classes operárias, de maneira mais ampla. Serão usadas como fontes, consultas e pareceres do Conselho de Estado do Império sobre os Estatutos de algumas organizações, pesquisados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, e escolhidos como exemplos, realizando assim, estudos de caso.

A Corte imperial, era dividida, na segunda metade do século XIX, em freguesias urbanas e ruraisⁱ. As freguesias que nos interessam são as chamadas freguesias urbanasⁱⁱ, que, apesar de serem espacialmente menores, tinham uma maior concentração populacional, de atividades econômicas e de trabalhadores livres e escravizados. Esta era a região que sofria mais rapidamente as transformações da cidade, com a aceleração de sua função mercantil e com o fato de ser o “principal porto de escoamento de café e de exportação de gêneros manufaturados redistribuídos pelo país e de recebimento de escravos”ⁱⁱⁱ.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

Trabalhadores livres e escravos já conviviam na cidade do Rio de Janeiro bem antes de 1850. No entanto, é a partir da década de 50 do século XIX que a entrada de imigrantes estrangeiros e nacionais vai se intensificar, tornando-se cada vez maior a convivência entre trabalhadores escravizados e assalariados, o que é somado ao processo gradual de abolição e ao aumento dos negros libertos. Estes processos se fortalecem durante toda a segunda metade do século XIX, principalmente a partir da década de 1870.

Antes de 1850 a cidade era essencialmente negra e escrava, como nos mostra, por exemplo, Soares, ao tratar das quitandeiras minas que, escravas e não escravas, dividiam o espaço do comércio de rua na cidade do Rio de Janeiro, pelo menos desde 1835^{iv}. Outras formas organizativas “não oficializadas” dos escravos, libertos, e livres pobres, também estavam presentes^v, como os quilombos que palmilhavam pelas redondezas da cidade, e se relacionavam intensamente com ela; os capoeiras, que assim como as quitandeiras, também dividiam a cidade; e os *zungús* que serviram durante todo o século XIX de local de reunião, trocas culturais e políticas, entre estes trabalhadores. Em relação às quitandeiras, Soares afirma que a partir das prisões efetuadas, é possível perceber uma divisão entre escravas e libertas. Enquanto as primeiras, com menor capacidade de se espalharem pelo mapa urbano, se concentravam nas freguesias de Sacramento e Santa Rita, as segundas foram presas nas freguesias de Santana e São José. Esta divisão coincide com as das maltas de capoeira, segundo o mesmo autor, que tinham os *Nagôas* nas freguesias de Santana e São José, e os *Guayamús* nas de Sacramento e Santa Rita^{vi}.

Beatriz Mamigonian^{vii} aponta ainda para outra forma organizativa quando reconhece um grupo articulado de escravos *minas* que lutava pela liberdade, entrando com ações individuais na justiça (provavelmente para não mostrar que estavam organizados), sempre usando da estratégia de prometer regressar à África - intenção vista

com bons olhos pelos setores dominantes que não queriam tais cérebros na Corte - e depois de conseguida a liberdade, pedindo a anulação da cláusula de reexportação^{viii}. As lutas judiciais eram, por sinal, mais uma das habilidades dominadas pelos africanos e africanas minas. Não só o caso do grupo estudado por Mamigonian, mas também outros, como por exemplo o das já citadas quitandeiras, que impetravam processos contra os seus senhores, “demonstrando a capacidade destas mulheres de articular aliados nos corredores da Justiça, aparentemente imune às suas reivindicações”^{ix}.

Em 1862 se reunia, na rua do Hospício, atual Buenos Aires, na freguesia do Sacramento, a Sociedade beneficente da Nação Conga^x. Este era um modelo de organização bastante utilizado pelos trabalhadores livres após a proibição das corporações de ofício, mas que agora aparecia reunindo trabalhadores com uma identidade negra, africana (que então aparecia somente nas irmandades religiosas). Esta era uma sociedade beneficente voltada para a luta pela liberdade, e que também era *protetora da Sociedade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito*, uma sociedade religiosa, portanto. A freguesia do Sacramento caracterizava-se por intensa atividade comercial de importação e exportação, compreendendo a região chamada hoje de *Saara*, até o Campo de Santana, indo fazer fronteira, de outro lado, com a freguesia da Candelária. Além de ser berço desta sociedade de negros Congos, também tinha grande presença de irmandades negras e de capoeiras guayamús.

Após 1870, as transformações ocorridas, entre outras razões, em função do final da Guerra do Paraguai, vão ser brutais, o que leva alguns autores, como Abreu, a dizer que “é a partir desta década que o sistema escravista (...) entra definitivamente em colapso”^{xi}. A partir desta década ocorre uma grande explosão populacional, por conta do fim da guerra e também do fluxo migratório vindo do estrangeiro e de outras regiões do país. Em função desta explosão, mesmo com o incremento nos transportes que nos aponta Abreu^{xii}, as freguesias urbanas tendem a se inchar com os trabalhadores – fossem

escravizados, libertos, ou livres, nacionais e estrangeiros –, que procuravam moradias próximas aos locais de trabalhos, e condizentes com o poder aquisitivo. Estes locais eram os famosos cortiços, casas de cômodos, de dormida ou de habitação, hospedarias, estalagens e zungús^{xiii}.

É neste contexto que em 1872 é fundada a Sociedade Liga Operária, que pretendia reunir “todos os artistas, operários, nacionais e estrangeiros”^{xiv} do Rio de Janeiro, que se submetessem aos seus estatutos. Entre seus membros estão presentes marceneiros, carpinteiros e tipógrafos, que se reuniram na freguesia de Santo Antonio, uma das que cresciam e expandiam a cidade, para fundar esta sociedade cosmopolita. Não ao acaso, esta era uma freguesia essencialmente artesanal e manufatureira, possuindo também “importante comércio de retalhos e animada indústria”^{xv}, se estendendo da Lapa, desde a rua do Riachuelo, Lavradio, englobando parte do Morro de Santa Teresa, até fazer fronteira com a freguesia de Santana, na rua do Conde d’Eu.

Em 1874 duas sociedades chamam a atenção do Conselho de Estado. São as sociedades Beneficente da Nação Conga “Amiga da Consciência”^{xvi}, e a Beneficente e Socorro Mútuo dos Homens de Cor^{xvii}. As duas associações negras pedem para funcionar no mesmo dia (24 de setembro de 1874). A primeira, aceitando apenas africanos, tem sócios residentes na freguesia de Santana e se reúne na rua Senhor dos Passos, na freguesia do Sacramento (assim como a de 1862), mas não se deve tomar como certo que esta sociedade de 1874 seja a mesma de 1862^{xviii}, mesmo tendo em vista a pista que nos dá Soares, quando supõe a existência de um “deslocamento geográfico da população africana na cidade, entre o início dos anos 1860 e o final dos anos 70”^{xix}. A segunda associação estava na freguesia de Santana, nas proximidades da freguesia do Espírito Santo, e seus sócios fundadores fizeram questão de especificar suas profissões: um artista e três cozinheiros. Soares mostra que a profissão mais disseminada entre os escravos presos era a de cozinheiro, e não a de escravo ao ganho, apesar da categoria

mais forte entre os escravos capoeiras ser “a dos artesãos, englobando um anel largo de profissões, desde sapateiros a pedreiros (56%)”^{xx}. Não se quer dizer com isso que a Sociedade dos Homens de Cor era de capoeiras, mas esta é mais uma pista para entendermos as experiências e identidades compartilhadas.

A freguesia de Santana tinha uma população na sua maioria de baixa renda, moradora de cortiços. Com “desenvolvida indústria e inúmeras casas comerciais”^{xxi} de varejo, ela ia da rua do Conde d’Eu (hoje Frei Caneca), passando pela região da Praça Onze até os morros do Pinto, da Providência, pela Gamboa e o Santo Cristo, chegando assim à zona portuária, se estendendo na região do Campo de Santana, da Central do Brasil, e da Rua Larga de São Joaquim (atual Marechal Floriano), fazendo divisa com a freguesia de Santa Rita. Já a freguesia do Espírito Santo, que fazia fronteira com Santana e Santo Antônio, tinha importante comércio varejista e alguma atividade manufatureira.

Em 1877 era criada a Sociedade Beneficente dos Artistas Sapateiros e Artes Correlatas^{xxii}, que tinha seus membros fundadores residindo nas imediações das freguesias da Candelária e Sacramento, as mais importantes comercialmente falando. A importância da freguesia do Sacramento já foi algumas vezes ressaltada aqui, e a freguesia da Candelária, a mais antiga da cidade, era, apesar de pequena, coalhada de comércio de todos os tipos, fábricas, oficinas artesanais e serviços gerais.

Em 1882 mais duas importantes associações eram fundadas. A Sociedade Beneficente dos Empregados no Fumo, tinha moradores e realizava reuniões nas freguesias de Santa Rita e de São José, freguesias que estavam separadas pelas de Sacramento e da Candelária, o que não impedia os trabalhadores de um mesmo ofício de se reunirem. Um dos membros da Sociedade dos Empregados no Fumo era residente à já mencionada rua Larga de São Joaquim, limítrofe entre as freguesias de Santa Rita e Santana. Esta região vai ser chamada posteriormente de África Pequena, em grande

parte em função das levas de migração de negros e negras, vindos da Bahia principalmente, como as famosas “tias” entre as quais se destaca a Tia Ciata^{xxiii}.

A freguesia de Santa Rita era uma região caracterizada por intensa atividade comercial, destacando-se as casas de café, a Praça do Mercado da Harmonia e o Mercado do Valongo (onde eram comercializados os escravos); possuía também importantes trapiches, estaleiros e fábricas. Estendia-se da região do largo de Santa Rita em direção às praias do Valongo e da Gamboa, passando pelo Largo da Prainha chegando próximo ao mosteiro de São Bento, abarcando portanto os morros da Conceição e da Saúde. Já a freguesia de São José tinha muitas casas comerciais e fábricas de indústria nacional. Compreendia o Morro do Castelo, o Largo da Assembléia (onde está a Câmara de Deputados), a Santa Casa de Misericórdia, a Biblioteca Nacional (na região hoje chamada de Cinelândia), se estendendo até o Passeio Público.

Por fim, a outra associação formada em 1882 é o Corpo Coletivo União Operária^{xxiv}, que apresentava uma ligação com as freguesias de Sacramento e principalmente Santana. Associação muito importante, que funcionava em uma região ocupada pela população pobre e trabalhadora, era formada por artistas e operários de diversos ofícios, mas também tinha em seu interior membros ilustres e “ilustrados” (como os positivistas e abolicionistas, Benjamin Constant e André Rebouças). O Corpo Coletivo servia, entre outras coisas, como consultor para a formação de Montepios em outras sociedades^{xxv}.

Através deste breve passeio pela cidade do Rio de Janeiro, é possível perceber que os trabalhadores estavam se relacionando e se movimentando pelo espaço urbano, espaço este em que construía suas organizações. Mas a construção destas organizações, se dava através de experiências comuns e diversas vividas neste espaço, e das identidades ali formadas. Durante este meio século, muitas transformações acontecem: o grande fluxo migratório, as diversas crises e flutuações econômicas, a

aparente iminência do fim da escravidão. Estas questões, relacionadas ainda às diferenças nacionais, e principalmente – no que concerne à nossa pesquisa – de formas de submissão ao trabalho, vão imprimir sua marca sobre a ação destes trabalhadores, que em contrapartida, imprimem a sua marca ao estarem cotidianamente presentes nas ruas das freguesias urbanas, criando suas formas de organização, trocando e compartilhando experiências.

ⁱ Como podemos observar em, por exemplo: Noronha Santos, Francisco A. de *As Freguesias do Rio Antigo*. Introdução, notas e bibliografia por Paulo Berger, Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro; 1965; Silva, Marilene R. N. da *O escravo do ganho – uma nova face da escravidão* (tese localizada na Biblioteca Nacional: VI – 175, 1, 10 TESE), e; Parga, Eduardo A. L. *Entre Fazendas, Secos e Molhados – o pequeno comércio na cidade do Rio de Janeiro (1850-1888)*. Niterói: Dissertação de Mestrado, PPGH/UFF, 1995.

ⁱⁱ As freguesias de São Cristóvão, Engenho Novo e São João Batista da Lagoa, apesar de também serem consideradas freguesias urbanas em 1870, não serão trabalhadas aqui.

ⁱⁱⁱ Silva, Marilene R. N. da *O escravo do ganho...*, p.13.

^{iv} Soares, Carlos E. L. *Comércio, nação e gênero: as negras quitadeiras do Rio de Janeiro. 1835-1900*. In.: Silva, Francisco Carlos Teixeira et alli. *Escritos sobre História e Educação: Homenagem à Maria Yedda Leite Linhares*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Mauad.

^v Soares, Carlos E. L. & Gomes, Flávio dos S. “Com o pé sobre um vulcão”: africanos minas, identidade e repressão antiafricana no Rio de Janeiro (1830-1840). Rio de Janeiro: Estudos Afro-Asiáticos, ano 23, nº2, pp.1-44, 2001. Amantino, Márcia S.; Comunidades quilombolas, cidade do Rio de Janeiro e seus arredores durante o século XIX; in: Prata, Jorge de S. (org.) *Escravidão: Ofícios e Liberdade*. Rio de Janeiro: Arquivo Público, 1998. Silva, Eduardo M. da *Reação e Resistência: o escravo na cidade do Rio de Janeiro de 1870 a 1888*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, IFCS/UFRJ, 1988. Coaracy, Vivaldo *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. 3ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988

^{vi} Soares, Carlos E. L. *Comércio, nação e gênero...* p.414.

^{vii} Mamigonian, Beatriz Gallotti. *Do que o preto Mina é capaz: Etnia e Resistência entre africanos livres*. In.: Afro-Ásia, Salvador, CEAO/UFBA, número 24, 2000.

^{viii} Mamigonian, Beatriz Gallotti. *Do que o preto Mina é capaz...* 2000, p. 88.

^{ix} Soares, Carlos Eugênio Líbano. *Comércio, nação e gênero...*, p.406.

-
- ^x Sociedade Beneficente da Nação Conga (1862) - A.N./ CODES/ 1R/ Caixa 531/ Pacote 3/ Documento 46.
- ^{xi} Abreu, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO; 3ª edição; 1997. p.36.
- ^{xii} Em 1870 os bondes e trens começam a atuar sincronicamente, em horários mais adequados às horas de entrada e saída dos locais de trabalho do centro e em 1878 é criada a Companhia Carris Urbanos. Abreu, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro..*, 1997, pp. 36, 45, 50 e 53.
- ^{xiii} Ver Soares, Carlos E. L. *Zungú: rumor de muitas vozes*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado, 1998. e, Silva, Eduardo *Dom Oba d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 78.
- ^{xiv} Sociedade denominada Liga Operária (1872) - A.N./ CODES/ 1R/ Caixa 551/ Pacote 1/ Documento 8.
- ^{xv} Noronha Santos, Francisco A. de *As Freguesias do Rio Antigo...* 1965. p. 124
- ^{xvi} Sociedade de Beneficência da Nação Conga "Amiga da Consciência" (1874) - A.N./ CODES/ 1R/ Caixa 552/ Pacote 2/ Documento 45.
- ^{xvii} Associação Beneficente Socorro Mútuo dos Homens de Cor (24 de Setembro de 1874) - A.N./ 1R/ CODES/ Caixa 552/ Pacote 2/ Documento 43.
- ^{xviii} Chalhoub, com ótimos argumentos, tende a considerar que estas organizações são diversas. Chalhoub, Sidney *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ^{xix} Soares, Carlos E. L. *A Negregada Instituição: os capoeiras na Corte imperial*. Rio de Janeiro: Acess, 1999. p.126
- ^{xx} Soares, Carlos E. L. *A Negregada Instituição...* 1999. p.115
- ^{xxi} Noronha Santos, Francisco A. de *As Freguesias do Rio Antigo...*, 1965, p.108.
- ^{xxii} Sociedade de Socorros Mútuos Protetora dos Artistas Sapateiros e Profissões Co-relativas (1877) - A.N./ CODES/ 1R/ Caixa 555/ Pacote 1/ Documento 9.
- ^{xxiii} Silva, Eduardo *Dom Oba d'África...* 1997, p.70.
- ^{xxiv} Corpo Coletivo União Operária (1882) – A.N./ CODES/ 1R/ Caixa 559/ Pacote 2/ Documento 14.
- ^{xxv} Corpo Coletivo União Operária, Rio de Janeiro. projeto de monte-pio confeccionado, e oferecido aos operários do Arsenal de Guerra da Corte. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1885. BN/ Obras Gerais/ 040/M989c.